

Entre a sobrevivência e o reconhecimento: a busca pela poesia

Camila Flaborea

Resenha de Péricles Pinheiro Machado Junior, *A linguagem perdida das gruas e outros ensaios de rasuras e revelações*, São Paulo, Blucher, 2023, 186p.

A linguagem perdida das gruas e outros ensaios de rasuras e revelações é o título do livro de Péricles Pinheiro Machado Junior lançado pela editora Blucher no segundo semestre de 2023. É fruto de seu trabalho de doutorado, realizado no IPUSP, sob orientação de Marina Ribeiro. Mas não apenas isso.

Conheço Péricles há muitos anos, fomos colegas de formação e posso assegurar que este trabalho é fruto de um percurso pessoal e profissional de longa data. O resultado é um livro tão consistente quanto sensível, e o desafio de fazer uma resenha sobre ele é de grande responsabilidade, ao mesmo tempo que um enorme privilégio. Diz Machado Jr. no penúltimo ensaio do livro: “É uma marca do nosso tempo a pressa do entendimento, excitação e agilidade que paradoxalmente nos dá notícias de um estado mental de paralisia e passividade, formas de desamparo, afetos desgarrados em busca de linguagem para habitar” (p. 159).

É com calma, então, que proponho que percorramos essa obra: a la Vasco Gato, poeta português, que nos avisa: “Não esqueças, sobretudo, de olhar devagar”¹. Com uma mão, busquemos a teoria psicanalítica, especialmente Bion, e com a outra, a Arte e o sonho. Estaremos dessa forma, assim espero, capacitados a ir ao encontro deste livro, que nos convoca à coragem, à liberdade e à presença, no *setting* analítico e fora dele. Possamos lê-lo como quem sonha a partir de uma base muito firme.

Formalmente, o livro é composto por introdução, quatro artigos e uma finalização. Mas já adianto: que o leitor não busque um pensamento linear, nem no livro, nem nesta resenha. Vamos ao final para entender o início e retrocederemos para poder avançar. A espiral nos leva a repassar assuntos, numa expansão que busca o arejamento e a aproximação viva com a experiência clínica e sua (possível) partilha pela escrita.

O início do livro não traz uma introdução, mas sim um Prelúdio, que anuncia os temas que serão desenvolvidos adiante. O texto, logo de saída, justifica a escolha do título que faz alusão à música. A sensorialidade se desdobra: sons errantes, espanto, escrutínio cirúrgico, deserto, opressão, rigidez, escombros, desidratação. Tentativas de comunicação de estados do vivente, ainda que se siga a observação, precisa no meu modo de ver, de que “o abismo entre as vivências clínicas e a comunicação verbal é intransponível” (p. 28).

A escrita é em primeira pessoa, sem hermetismos – nenhuma afetação. “Escrevo na cozinha da clínica, sentado à mesa, tomando um café com leite, às vezes um biscoito para acompanhar, vida comum, linguagem peculiar” (p. 54).

Um pouco adiante, a apresentação de sua tese: Machado Jr. localiza sua pesquisa no campo da linguagem e propõe os termos *Linguagem da sobrevivência e Linguagem do reconhecimento*. Diz ele:

da interioridade do corpo à intercorporeidade do espaço analítico, a linguagem é aquilo que possibilita transformações desde as mais vagas sensações fisiológicas e emoções, até a mais complexa das elaborações e abstrações

Camila Flaborea é psicanalista, membro do departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, membro do Grupo Brasileiro de Pesquisa Sándor Ferenczi, mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP.

DOI: 10.70048/percurso.72.153-158

¹ Final do poema “Regras do esquecimento”, de Vasco Gato, in *Imo*. Quasi Edições.

que capacitam o ser humano a reconhecer e significar as experiências da vida. (p. 42)

Neste ponto, já podemos entender que o autor parte da experiência sensorial mas propõe que é preciso extrapolar os cinco sentidos e buscar a “ordem imaterial da experiência” (p. 26) para pôr-se disponível ao e no encontro analítico. Um tipo de presença muito específica é convocado ao analista, composta por inúmeras camadas, que são apresentadas ao leitor ao longo dos capítulos.

Sobre a *linguagem da sobrevivência* vamos aprendendo aos poucos, sem linearidade. Da mesma forma, sobre o antídoto proposto, a *linguagem do reconhecimento*. A tese apresentada: linguagem da sobrevivência e linguagem do reconhecimento.

No campo das subjetividades desertificadas, sob escombros, onde falta a linguagem viva, é o custo da sobrevivência que geralmente leva essas pessoas a buscarem ajuda. Os adjetivos usados pelo autor para descrever esse estado são referências diretas à linguagem: as palavras podem se tornar “mornas, áridas, discretas, tímidas, desbotadas, magras, passageiras, transeuntes, figurantes, dissolvidas” (p. 29). O risco não se restringe ao paciente que nos procura em sofrimento, alerta o autor. É preciso que o analista-leitor que busca a vivacidade da linguagem entenda que “a criatividade advém da ruptura da ordem do suposto conhecido” (p. 41). É que “estar com o outro em estado de abertura [...] requer do analista muita experiência com sua própria vida mental” (p. 41). Ainda no Prelúdio, um pouco mais adiante, chegaremos ao reconhecimento: imperativo ontológico, ato transitivo envolvendo dois sujeitos.

É, portanto, na intersubjetividade que Machado Junior encontra uma possível saída para o deserto. O autor aposta que é no encontro que o esvaziamento de sentido pode ser transformado. Ele nos alerta, entretanto, antes de nos apaixonarmos pela ideia e a agarrarmos como quem vislumbra um bote salva-vidas: o encontro é também terreno das incertezas, “uma área de turbulências

[...], nos mobiliza pela densidade da confluência” (p. 163). Ainda que seja, no entanto, a saída proposta por esse corajoso autor, que vê na presença honesta uma possibilidade de enriquecimento das subjetividades-corpos que tentam, apesar de tudo, estar juntas.

Voltemos às linguagens. Quando o analisando “encontra-se em um campo de desolação e torna-se necessário reconhecermos que seu sofrimento tem uma historicidade e um sentido fundamental em sua própria existência” (p. 39), estamos diante da questão proposta como eixo do livro: como a presença viva – e aberta ao desconhecido – de alguém pode fornecer condições para a saída da sobrevivência em direção à vida, propriamente dita? O autor, a essa altura, evoca Bion (1978):

Por que se torna necessária outra pessoa? [...] Parece que precisamos ser capazes de ricochetear sobre outra pessoa para obter algo que poderia refletir de volta aquilo que falamos, antes que se torne compreensível. (p. 40)

A proposta vai se movendo a passos largos em direção à alteridade, como condição inequívoca para o campo proposto de saída da sobrevivência por meio do reconhecimento. Passando por filósofos, sociólogos e psicanalistas, lemos que:

Na experiência de reconhecimento da alteridade, encontra-se implícita uma capacidade do sujeito para lidar com as diferenças e as semelhanças, com a aproximação e o distanciamento entre este e o outro, cuidando para que os contornos psíquicos sejam mantidos, e não ameaçados por esse contato. (p. 35)

É com esse pano de fundo que Péricles encerra seu prelúdio, desejando que possamos ter uma experiência de “intimidade epistemológica” (p. 51), que garanta, simultaneamente, liberdade, meio maleável e rigor conceitual ao leitor. Para tanto, se oferece em presença como pesquisador-analista-autor e nos convida a sonhar com ele, a partir dos casos clínicos que agora nos apresenta.

Ensaio 1: *Once upon never:
A linguagem perdida das gruas*

O título do ensaio é bastante intrigante... parafraseando a expressão *Once upon a time*, que normalmente é usada para iniciar um conto de fadas, o famoso *Era uma vez*, o autor já sugere uma subversão de sentido. A ausência já se mostra presente. O tempo, aqui, é o do nunca, o que nunca houve, o que nunca chegou, o que não veio a ser. O que se perdeu nas gruas? O que não se deu a ver? Gruas, objetos metálicos, inanimados, gelados, qual seria a linguagem a que o autor se refere? A partir do livro do escritor estadunidense David Leavitt², Machado Jr. desenvolve seu ensaio, que parte do enredo literário e vai em direção ao aprofundamento do conceito de linguagem de sobrevivência, sublinhando a necessidade de delicadeza e cuidado requeridos ao analista que depara com essa comunicação em estado seminal. Péricles, apoiado em Esther Bick, diz:

Penso que a linguagem de sobrevivência desenvolvida pelo analisando serve à função de uma segunda pele que fornece algum nível de proteção contra o abissal do contato direto com as emoções. (p. 76)

É no interstício da fala cotidiana que, muitas vezes, a sobrevivência encontra guarida. É nas microfendas que o analisando por vezes deixa ver a falta, o metálico, o inanimado de sua linguagem e de sua história. O não saber do analista é seu maior aliado nesse momento.

Com o coração entristecido, o menino sem palavras, a criança-grua, Michael se mostra. Termino o ensaio me perguntando se estamos preparados para essa tarefa...

Ensaio 2: *Terra seca, broto verde:
A linguagem dos fragmentos*

São palavras buarqueanas que nos saúdam no início deste segundo ensaio. Um paciente psicótico,

cujas condições de sujeito é respeitada, é recebido pelo analista-autor que espera, pacientemente, sua comunicação. A família o apresenta como “alguém que falava coisas que ninguém entendia” (p. 83). No ensaio, ele é chamado de Pai.

É buscando os aportes teóricos de Hanna Segal e Bion que Péricles busca costurar mensagens cifradas, aparentemente desconexas e esvaziadas de sentido afetivo. Transitamos por elementos beta e identificações projetivas maciças, tarefa árdua para qualquer analista. O autor reafirma aqui a importância de poder escrever, não por acaso no ensaio que trata de um sujeito que só se comunicava por mensagens em papel, quase ininteligíveis, fragmentadas. Ele cita uma bela passagem de Comte-Sponville:

Talvez seja esse o mais belo presente que a escrita deu aos viventes: permitir-lhes vencer o espaço, vencer a separação, sair da prisão do corpo, ao menos um pouco, por meio da linguagem, por esses pequenos traços de tinta no papel. (p. 105)

A prisão da mente, o aprisionamento na sobrevivência psíquica (im)possível, também ganha algum respiro quando a comunicação pode ser real. Quando há um outro a quem a mensagem pode ser dirigida verdadeiramente. É o ensaio, ousado dizer, da paciência e do conta-gotas.

Para estar ali com Pai, é preciso ter intimidade, mas também respeito e alguma distância da própria loucura. Trabalho de uma vida inteira, o contato com a alteridade em si mesmo, se desdobra em abertura e disponibilidade ao paciente em sofrimento profundo, cindido e encapsulado, mas ainda na busca por algum porto que o tire de seu estado, à deriva: a linguagem do reconhecimento.

Ensaio 3: *Plunct, plact, humpf:
A linguagem do indizível*

Neste ensaio, Machado Jr. se propõe a pôr luz sobre o mistério, o indizível que nos habita e que se manifesta, involuntariamente. Trata-se do que

2 D. Leavitt, *The lost language of cranes*. London, Bloomsbury, 1986.

está aquém ou além das palavras, como preferirem. Lampejos de um encontro, susto de um espaço compartilhado. Como descrever, como falar sobre o que se passa entre dois numa sala de análise? E, indo além, como suportar o que se passa no campo analítico e que surge fora da zona, por vezes redutora, das palavras?

É aqui que o autor se aprofunda ainda mais em alguns conceitos. Dá, por assim dizer, mais uma volta na espiral para retomar a capacidade negativa (Keats, Bion) e a intimidade com o mundo mental como ferramentas de trabalho a serem cultivadas e desenvolvidas em nossa formação continuada. É aqui também que ele evoca Pérsio Nogueira – figura central em toda a obra – dizendo a seus alunos e analisandos em formação psicanalítica: “Larguem os livros, vão ler pessoas!” (p. 119). Para acessar o indizível, é preciso farejar, desconhecer, romper pré-supostos:

O conhecimento precisa evoluir à condição de uma sabedoria do corpo para que a presença viva e a espontaneidade do analista o capacitem a *estar com*³ o analisando. A singularidade gravitacional de sua presença conduz a efeitos analíticos mais significativos do que o conjunto de suas leituras. (p. 126)

Em que pese o paradoxo dessa colocação ser feita num livro, é importante que se diga que a ideia defendida aqui, até onde pude acompanhar, é a de não usar a teoria defensivamente e como uma finalidade em si mesma. Infelizmente, a tentação de enquadrar o paciente nos livros está sempre à espreita, sobretudo em situações que nos desafiam. É preciso humildade e sabedoria para não cair nessa armadilha, a de usar toda a construção de conhecimento que fazemos para desidratar o encontro entre duas pessoas, tantas vezes turbulento e desterritorializante.

Mais adiante, o autor esclarece o que gera essa atitude defensiva: o difícil encontro com a vulnerabilidade do analista, dentro e fora do *setting*. E sua proposta, mais uma vez, se radicaliza e ele afirma que

A meu ver, não se trata de técnica, mas de uma *condição ontológica do analista que se dedica diuturnamente a aprimorar sua própria vulnerabilidade às emanções do desconhecido*.⁴ [...] Ficamos como que imunossuprimidos mentalmente. (p. 140)

Em que medida as palavras ampliam ou tampenam as experiências emocionais vividas no *setting* é uma pergunta sobre a qual temos o dever ético de nos debruçar recorrentemente. Buscar as palavras certas, claro. Mas, sobretudo, seu uso adequado. Ou poder habitar um silêncio que, às vezes, é mesmo o mais difícil. Quem se atreve?

Ensaio 4: Águas paradas, um rio que corre:
A linguagem das tormentas

Ah, Guimarães Rosa e suas veredas, no *Grande sertão*... um ensaio que começa assim deve ser lido com a lupa do afeto. Um ensaio que trata da experiência do autor e seu encontro espantado com essa obra, mais ainda. Se o autor referido for uma analista, aí a gente precisa ir sorvendo aos poucos o que surge nas linhas e nas entrelinhas. Péricles aqui adquire um tom mais confessional e compartilha suas agruras e encantamentos com a linguagem de Guimarães Rosa e desemboca na clareira da comunicação aos pares. E, diante da dificuldade da tarefa, dispara logo: “reconhecendo o impossível, buscamos o razoável.” (p. 153)

É através da experiência com o texto literário que Machado Jr. defende, uma vez mais, seu ponto: é preciso abandonar o conhecido (fixo) para entrar no compartilhado da linguagem (produzido no gerúndio, a partir do encontro consigo e com o outro). O tom emocional da comunicação é retomado como elemento fundante do que é essencial, e não pouco turbulento. Diz o autor, “o texto emocional é descoberta e abandono, é vivência e esquecimento.” (p. 156)

A essa altura, a leitora que aqui tenta escrever esta resenha já se questiona o que fazer com tantas palavras necessárias, nomeantes, ligadoras de energia livre que busco usar para organizar

minimamente os estados com os quais deparo todos os dias em meus atendimentos. Sigo a leitura, inquieta, imaginando que o “sem memória e sem desejo” é coisa para alquimistas, seres elevados. Meu colega de formação parece ler meus pensamentos e me acalma, ainda na mesma página: “A linguagem quando arrogada como certeza reduz-se a um sistema de convenções de prateleira em que as palavras são tomadas por seu significado pretérito” (idem).

Desperta em mim a proposta de retomar alguns dos pressupostos éticos da psicanálise: o outro sabe de si mais que eu; a alteridade é valor inegociável em nosso ofício; não faremos um bom trabalho sem sair do que nos acalma e conforta e sem encarar a fricção causada pelo encontro. O não saber é, também, um exercício da modéstia necessária ao analista.

Mais uma vez, Pêrsio Nogueira:

Parece ser uma característica essencial do ser humano [...] reagir com forte angústia à desordem no plano existencial [...]. Um sentido de ordem e finitude (limite) parece ser fundamental e urgente ao apacramento dessa angústia. [O mundo mental] continuamente parece estar em busca de se encarcerar no âmbito e limite de suas próprias respostas.⁵ (p. 165)

Ao final do ensaio, encontramos a abertura da poesia. As palavras usadas como poros, como quem espreita frestas, nos possibilitam alguma outra organização – não defensiva – diante do

universo humano. Em minha associação, sou visitada por Clarice Lispector, com sua *Paixão segundo GH*⁶ e aqui a transcrevo:

O mundo independia de mim – esta era a confiança a que eu tinha chegado: o mundo independia de mim, e eu não estou entendendo o que estou dizendo, nunca! nunca mais compreenderei o que eu disser. Pois como poderia eu dizer sem que a palavra mentisse por mim? como poderei dizer senão timidamente assim: a vida se me é. A vida se me é, e não entendo o que digo. E então adoro. (p. 179)

Ensaio 5: Sobrevivência, reconhecimento: *A linguagem do repouso e Epílogo (ou a inesperada virtude da frustração)*

Aqui, o autor recapitula seu trajeto, busca organizar sua proposta um pouco mais e se despede do leitor com mais uma frase de Pêrsio Nogueira, seu analista que nos deixou ao longo da trajetória de construção da jornada de Machado Jr. Em uma frase, dá a ver toda a tese defendida durante o livro. Diz Pêrsio, em uma sessão: “O que tenho a lhe oferecer é minha sincera ignorância” (p. 186).

Que nossa ignorância seja portadora de honestidade, disponibilidade, coragem e modéstia. Que ela traga o frescor proposto neste livro e que a abertura nos guie para a renovação incessante de nossa capacidade de pensar.

3 Grifo do autor.

4 Grifo do autor.

5 P.O. Nogueira, *Uma trajetória analítica*. Dimensão, 1993.

6 C. Lispector, *A paixão segundo GH*. Rio de Janeiro, Rocco.